

Boa tarde a todas e todos, e obrigado por me permitirem falar na reunião aberta de hoje. O meu nome é Kevin Gallagher e sou investigador da Universidade de Nova Iorque na área de Cibersegurança. Também sou ativista e identifico-me com a esquerda política. Queria dedicar algum tempo a contar-vos as minhas experiências e as ideias que formei desde que me mudei para cá, em Outubro de 2019. Há muito a dizer, mas vou tentar ser sucinto. Precisei de cortar muito do que queria dizer a fim de manter esta declaração num comprimento razoável, contudo, se quiserem ver a versão completa, posso colar um link para a versão completa no chat.

Ainda me recordo carinhosamente do 7 de Junho de 2020. As ruas de Lisboa estavam inundadas de pessoas indignadas com o assassinato de um homem, George Floyd, que ocorreu a um oceano de distância. Decidiram dizer ao mundo que não era aceitável. Decidiram dizer ao mundo que o racismo não é aceitável. Nunca me tinha sentido melhor com a minha decisão de me mudar para cá do que no dia 7 de Junho de 2020.

Infelizmente, lembro-me também dos dias que se seguiram. Os meios de comunicação estavam cheios de simplificações sobre a luta anti-racista. Políticos de direita e de extrema-direita, incluindo o líder do partido fascista Chega, mostravam fotografias recortadas de um único cartaz, numa tentativa de desacreditar o nosso movimento popular. Pior, uma contra-marcha fascista, felizmente muito mais pequena, ocorreu numa tentativa de provar de alguma forma que Portugal não é um país racista.

Mas Portugal é um país racista. Eu próprio já o vi.

Ouvi as afirmações mais subtis, como o uso de uma linguagem que equivale a "o cigano e o português", como se o povo cigano aqui não fosse também português. Ouvi as mais abertamente absurdas e aterrorizantes expressões de racismo, como a comparação de pessoas racializadas com animais que não podem ser domesticados.

Tenho visto um fascista, em plataforma sobre o racismo, obter 11,9% dos votos nas eleições presidenciais. Vi o mesmo partido fascista ganhar um lugar no parlamento. Vi uma petição para deportar um cidadão de Portugal por nenhuma outra razão a não ser por ser negro e lutar contra abusos.

E isso não é tudo. Tenho ouvido tantas declarações racistas desde que me mudei para cá que por vezes senti que fui transportado para as partes mais racistas dos Estados Unidos, um país incrivelmente racista. Sinto-me mal simplesmente por repetir as coisas que ouvi aqui, mas mesmo assim, acredito que é importante sensibilizar para a mentalidade que elas representam.

Sabem o que realmente não ouvi? O português branco comum a defender aqueles que não têm poder. Pessoas brancas comuns que prestam ajuda às pessoas que mais precisam dela. Não tenho visto o português branco comum falar contra reivindicações racistas. Não tenho visto igualdade nos empregos.

Da minha perspectiva, a desigualdade e a exclusão são um fio condutor comum na sociedade portuguesa. Estou certo de que só vejo o que está na superfície da sociedade portuguesa racista. Estou certo de que para aqueles que fazem parte das comunidades afectadas, o racismo é ainda mais aparente.

Poderia continuar e continuar com exemplos do que vi dentro de um ano de vida aqui. Estas ocorrências ocorrem quase diariamente, por isso não há falta de histórias. Estas histórias motivam a razão pela qual devemos continuar a lutar.

A 21 de Março de 2021, houve outra manifestação contra o racismo em Lisboa. No Largo de São

Domingos, no Rossio, entre quase 200 pessoas apareceram para se levantarem contra o racismo em Portugal. Mas 200 não é muito em comparação com os milhares de pessoas nas ruas de Lisboa em Junho.

Pior ainda, a 18 de Abril de 2021 tivemos uma manifestação contra o fascismo, e contra o Chega, o partido que todos afirmam odiar. No entanto, não mais de 100 pessoas estavam nas ruas, discutindo a sua preocupação com a crescente ameaça fascista.

Onde estavam os outros? Onde estavam as pessoas que me lembro de ver, com raiva e tristeza nos olhos, motivadas pela justiça por George Floyd e para todas as vítimas que partilham uma história semelhante? Houve progressos suficientes para que possamos chamar o assunto encerrado? Houve progressos suficientes para que possamos dizer que o racismo está resolvido? Houve progressos suficientes para que possamos dizer que o fascismo já não é uma ameaça?

Não. Não se registaram quaisquer progressos. Nada mudou. E no entanto, milhares de pessoas pararam simplesmente de lutar. Milhares de pessoas voltaram a fingir que a questão não existe.

Quando é que vamos aparecer e fazer algo a esse respeito? Vamos ser proactivos, e comecemos hoje! Vamos para as ruas e protestar não só contra actos individuais de racismo, mas contra todo o sistema racista. Vamos exigir que a mudança seja equitativa para todos. E se não mudar, vamos exigir que o sistema seja desmontado e substituído por algo melhor.

Creio que tenho feito a minha parte. Quando há um apelo às ruas para protestar contra o racismo, o fascismo, ou outras questões, faço o meu melhor para lá estar. Estou a usar o meu doutoramento em Informática e história da investigação em Cibersegurança para criar uma série de vídeos que ensina cibersegurança aos activistas. Estou a trabalhar na investigação e desenvolvimento que ajudaria a assegurar organizações com uma estrutura horizontal. Para além do que já faço, quero fazer muito, muito mais. Se acreditam que há espaço para os meus talentos, estou aberto a sugestões sobre como posso contribuir. Tudo o que eu quero é ver melhorias, e não acredito que estou sozinho nisso.

Nunca sonharia em falar pelos outros. No entanto, posso falar por mim, e tenho algumas ideias sobre o que gostaria de ver do Bloco de Esquerda.

Gostaria de ver o Bloco da Esquerda ser proactivo e encontrar os manifestantes na rua. Gostaria que o Bloco se mostrasse solidário com as nossas causas, em voz alta e com orgulho. Gostaria que o Bloco reflectisse os movimentos na legislação. Gostaria que o Bloco viesse pessoalmente para as manifestações e se mostrasse solidário.

Não gostaria que o Bloco tentasse liderar os movimentos, ou que fizesse os movimentos acerca do partido. Um partido político não é um movimento, por mais que tente ser. Deveríamos ter um partido que reflecta os movimentos, não um movimento acerca do partido. Mas isso não significa que o Bloco não possa contribuir, não possa estar presente nos eventos, ou não possa demonstrar solidariedade. Na verdade, acredito que apoiar, mas não liderar, é a melhor forma de conseguir que os manifestantes apoiem o Bloco.

Mas não se trata apenas de nós, manifestantes. Muitas pessoas comuns sentem que não estão representadas no actual sistema político. Estão cansadas de políticos que lhes dizem o que precisam. Gostaria de ver o Bloco de Esquerda encontrar estas pessoas, também, nas ruas. Em vez de lhes dizer o que precisam, acho que o Bloco de Esquerda deveria perguntar-lhes o que precisam. O Bloco pode

deixar claro que deseja servir as necessidades do povo, e não impor aquilo que acredita serem as suas necessidades. Pode ficar claro que não irá tirar aos menos afortunados, mas sim prestar serviços a todos os que deles necessitam. Pode ser claro que está interessado em proteger as pessoas dos custos crescentes do aluguer, da falta de estacionamento que afecta a sua capacidade de serem móveis, e da privatização contínua de serviços públicos como a saúde, ou de espaços públicos como os parques de estacionamento. Por menores que estas preocupações possam parecer em comparação com as ameaças enfrentadas pelas pessoas racializadas, negligenciar estas preocupações pode criar animosidade no povo, levando-o a recorrer a promessas feitas por falsos salvadores.

Estas são soluções a curto prazo. A longo prazo, temos muito a fazer para tornar o país mais justo.

Acredito que estes sejam os objectivos finais do Bloco de Esquerda. Estou ansioso por participar em torná-los realidade de todas as formas que puder. Posso não ser capaz de votar, e posso não ser capaz de concorrer a um cargo, mas sou capaz de trabalhar. E vou colocar tudo o que tenho - as minhas credenciais profissionais, o meu tempo e o meu esforço - para fazer deste país, e deste mundo, um lugar melhor.

O silêncio é cumplicidade com os males da época. Lembremo-nos da motivação que tivemos no dia 7 de Junho. Vamos continuar a lutar, juntos.

Obrigado pela vossa atenção, e pela oportunidade de falar.